

História de uma cama: a sesta de Mário Soares na Marinha Grande

Cristina Nobre*

Quando foi o 25 de Abril de 1974, eu era uma miúda de 10 anos, que já sabia escutar o que os adultos iam dizendo, mas a minha consciência política seria pouco menos que nula. Só no dia 1 de Maio de 1974, às cavalitas do meu pai, na manifestação dos trabalhadores em frente da Câmara Municipal da Marinha Grande, me apercebi do estado de alegria e júbilo que a todos contagiava e encadeava eficazmente qualquer receio ou ansiedade sobre o devir e a violência da multidão (que na altura equivalia apenas ao *slogan* perfeito para uma luta interminável de ‘O povo unido, jamais será vencido’...).

Passados 50 anos sobre a efeméride, a História vem mostrar-nos que não há linhas contínuas e harmoniosamente perfeitas em nenhuma Revolução, e que a história da nossa Democracia não é nenhuma exceção. Sobre isso, bastante é a bibliografia que memoriza e arquiva para o futuro episódios e várias fases cronológicas, mais ou menos violentas, da vida política do novo Portugal. Como procurava algum aspeto de ‘história da intimidade’ desconhecido do público, recorri aos Arquivos da RTP, onde encontrei vários documentos de grande qualidade: os 5 episódios dedicados em série televisiva aos 4 presidentes da República (Ramalho Eanes; Mário Soares; Jorge Sampaio; Cavaco Silva); a Biografia de Mário Soares de 1991; uma entrevista a Maria Barroso não datada.

Destaco a palavra-chave que procurava – Marinha Grande – e que aparece descrita ou referenciada como o ‘Incidente’ de Mário Soares. Reconstituo, seguidamente, o mais fielmente possível.

A 14 de Janeiro de 1986, Mário Soares visitou uma das poucas fábricas de vidros da Marinha Grande que tinham recebido subsídios do anterior governo

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeiria.

(presidido pelo próprio Soares). Nesse momento, operários de outra fábrica que não os tinha recebido começaram a vaiar o político, sendo isto o prelúdio da agressão física que viria a seguir. O então Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande avisou Soares da possibilidade de haver elementos que estavam lá para o boicotear ou agredir, tendo o político ignorado a recomendação. O contexto era então a grave crise que afetava há anos a indústria do cristal e que tinha tirado o emprego a uma grande parte dos trabalhadores.

A ameaça, primeiramente verbal, acabou num ataque pessoal a Mário



O incidente com Mário Soares na Marinha Grande em 1986 (Foto Rui Ochôa)

Soares quando um grupo de trabalhadores desempregados esbofetearam o candidato, tendo agredido também dois dos guarda-costas do político.

O político sai do carro, acompanhado pelos guarda-costas e vai em direção da Fábrica Escola Irmãos Stephens. Começa então a agressão: um grupo de manifestantes ataca a comitiva de Mário Soares, usando as mãos e paus.

O subchefe Paulo da PSP interpôs a sua cabeça entre um golpe que ia para a cabeça do candidato, o que fez com que começasse a sangrar bastante, tendo conseguido desviar o golpe para o pescoço e o ombro do candidato.

Soares acusaria, pouco depois do ato de violência, que tinha sido executado por seguidores de Francisco Salgado Zenha, afirmando que os que o agrediram tinham autocolantes do dito candidato, o qual tinha estado uma hora antes no mesmo lugar, embora a Marinha Grande sempre tivesse sido um bastião do PCP.

Mário Soares viria a descrever a agressão dizendo, tal como o registou o semanário *Expresso*:

“Eu ia-lhes a dizer para terem calma, para não se confrontarem com situações de violência e, de repente, deram-me um murro na cara, que me desequilibrou. Depois, veio um jovem pelas minhas costas e deu-me um murro na cabeça, de cima para baixo, com bastante força. Depois ainda apanhei uma paulada, que é o que me dói mais.”

Os seguidores do candidato e os jornalistas conseguiram fugir até à Fábrica dos Irmãos Stephens, protegendo-se lá e ficando a salvo da multidão enfurecida.

O Incidente seria amplamente usado por Mário Soares na sua campanha eleitoral e no seu tempo de antena para as eleições que se avizinhavam. Mário Soares estava a fazer campanha eleitoral para as eleições de 1986 ainda na primeira volta contra Freitas do Amaral, Salgado Zenha, Maria de Lurdes Pintasilgo e Ângelo Veloso. É possível que o sucesso tenha tido influência decisiva no resultado da eleição presidencial, que foi ganha por Soares por uma estreita margem de votos, bem como a sua vitória eleitoral na Marinha Grande. Alguns referem que o Incidente fez com que Mário Soares, que no início tinha pouco apoio (chegando apenas a 8% nas primeiras sondagens) e que à esquerda tinha dois candidatos de peso – Maria de Lurdes Pintasilgo e Francisco Salgado Zenha – vencesse não só os adversários de esquerda mas também Freitas do Amaral, com um apoio forte e sólido da direita política.

Conhecido que é o carisma do político e a sua capacidade de reverter a seu favor e das suas ideologias partidárias todos os desaires mais ou menos ‘rocambolescos e violentos’ dos tempos difíceis e de crise, não pude deixar de me lembrar que o meu sogro, Dr. Rui Couceiro Neto da Silva, n.º 1 do Partido Socialista na Marinha Grande à data (e Presidente da Comissão Instaladora da Administração Distrital dos Serviços de Saúde de Leiria), recebeu Mário Soares nesse mesmo dia em sua casa* e sentou-o à sua mesa de refeições. Ritual entre camaradas socialistas que se sentiam à vontade um com o outro: Soares pediu se poderia fazer a sesta a seguir ao almoço, hábito que cumpria sempre que as circunstâncias lho permitiam e lhe dava energia renovada para enfrentar os afazeres que se seguiam.

Desconheço de quanto tempo foi a sesta; porém, sei que foi na cama de solteiro do pai dos meus filhos que Soares dormitou, e acredito que este pequeno e íntimo episódio da história do Homem que foi Mário Soares lhe deu calma e discernimento para enfrentar a violência à entrada da Fábrica Escola Irmãos Stephens. Por isso fiquei contente quando a cama passou para cama do quarto de solteiro do meu filho mais novo e, depois, como cama de estudante da minha filha mais velha, em Lisboa. Recentemente foi doada à Junta de Freguesia da Marinha Grande, na expectativa de que possa vir a ser útil a alguém dela necessitado.

* A residência em questão situava-se na rua Ferreira Custódio, n.º 7, na Marinha Grande, 2430-251. A minha sogra, Dr.ª Ester Adriana Alves de Sousa Oliveira Neto da Silva, falecida em 23 de janeiro de 2024, ainda tomou conhecimento da minha intenção de relatar este pequeno episódio, e não se opôs a que o divulgasse.

A ironia seria se nela se viesse a deitar algum descendente dos homens que usaram de violência para com Soares – ele ensinar-nos-ia que é isso a verdadeira Democracia. Assim toda a violência pudesse ser acalmada com uma sesta...